



O CONDOR

BOLETIM INFORMATIVO

ANO VII

NÚMERO 6

Nov-Dez/2002

TORCER

Mesmo antes de nascer, já tinha alguém torcendo por você. Tinha gente que torcia para você ser menino. Outros torciam para você ser menina. Torciam para você puxar a beleza da mãe, o bom humor do pai. Estavam torcendo para você nascer perfeito. Daí continuaram torcendo. Torceram pelo seu primeiro sorriso, pela primeira palavra, pelo primeiro passo. O seu primeiro dia de escola foi a maior torcida. E o primeiro gol, então? E de tanto torcerem por você, você aprendeu a torcer. Começou a torcer para ganhar muitos presentes e flagrar Papai Noel. Torcia o nariz para o quiabo e a escarola. Mas torcia por hambúrguer e refrigerante. Começou a torcer até para um time. Provavelmente, nesse dia, você descobriu que tem gente que torce diferente de você. Seus pais torciam para você comer de boca fechada, tomar banho, escovar os dentes, estudar inglês e piano. Eles só estavam torcendo para você ser uma pessoa bacana. Seus amigos torciam para você usar brinco, cabular aula, falar palavrão. Eles também estavam torcendo para você ser bacana. Nessas horas, você só torcia para não ter nascido. E por não saber pelo que você torcia, torcia torcido. Torceu para seus irmãos se ferrarem, torceu para o mundo explodir. E quando os hormônios começaram a torcer, torceu pelo primeiro beijo, pelo primeiro amasso. Depois começou a torcer pela sua liberdade. Torcia para viajar com a turma, ficar até tarde na rua. Sua mãe só torcia para você chegar vivo em casa. Passou a torcer o nariz para as roupas da sua irmã, para as idéias dos professores e para qualquer opinião dos seus pais. Todo mundo queria era torcer o seu pescoço. Foi quando até você começou a torcer pelo seu futuro. Torceu para ser médico, músico, advogado. Na dúvida, torceu para ser físico nuclear ou jogador de futebol. Seus pais torciam para passar logo essa fase. No dia do vestibular, uma grande torcida se formou. Pais, avós, vizinhos, namoradas e todos os santos torceram

por você. Na faculdade, então, era torcida pra todo lado. Para a direita, a esquerda, contra a corrupção, a fome na Albânia e o preço da coxinha na cantina. E, de torcida em torcida, um dia teve um torcicolo de tanto olhar para ela. Primeiro, torceu para ela não ter outro. Torceu para ela não te achar muito baixo, muito alto, muito gordo, muito magro. Descobriu que ela torcia igual a você. E de repente vocês estavam torcendo para não acordar desse sonho. Torceram para ganhar a geladeira, o microondas e a grana para a viagem de lua-de-mel. E daí pra frente você

entendeu que a vida é uma grande torcida. Porque, mesmo antes do seu filho nascer, já tinha muita gente torcendo por ele. Mesmo com toda essa torcida, pode ser que você ainda não tenha conquistado algumas coisas. Mas muita gente ainda torce por você!

**Se procurar bem, você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida.
Mas a poesia (inexplicável) da vida**

Texto freqüentemente atribuído a
Carlos Drummond de Andrade

(Ler artigo de Clarindo dos Santos, na página 5)

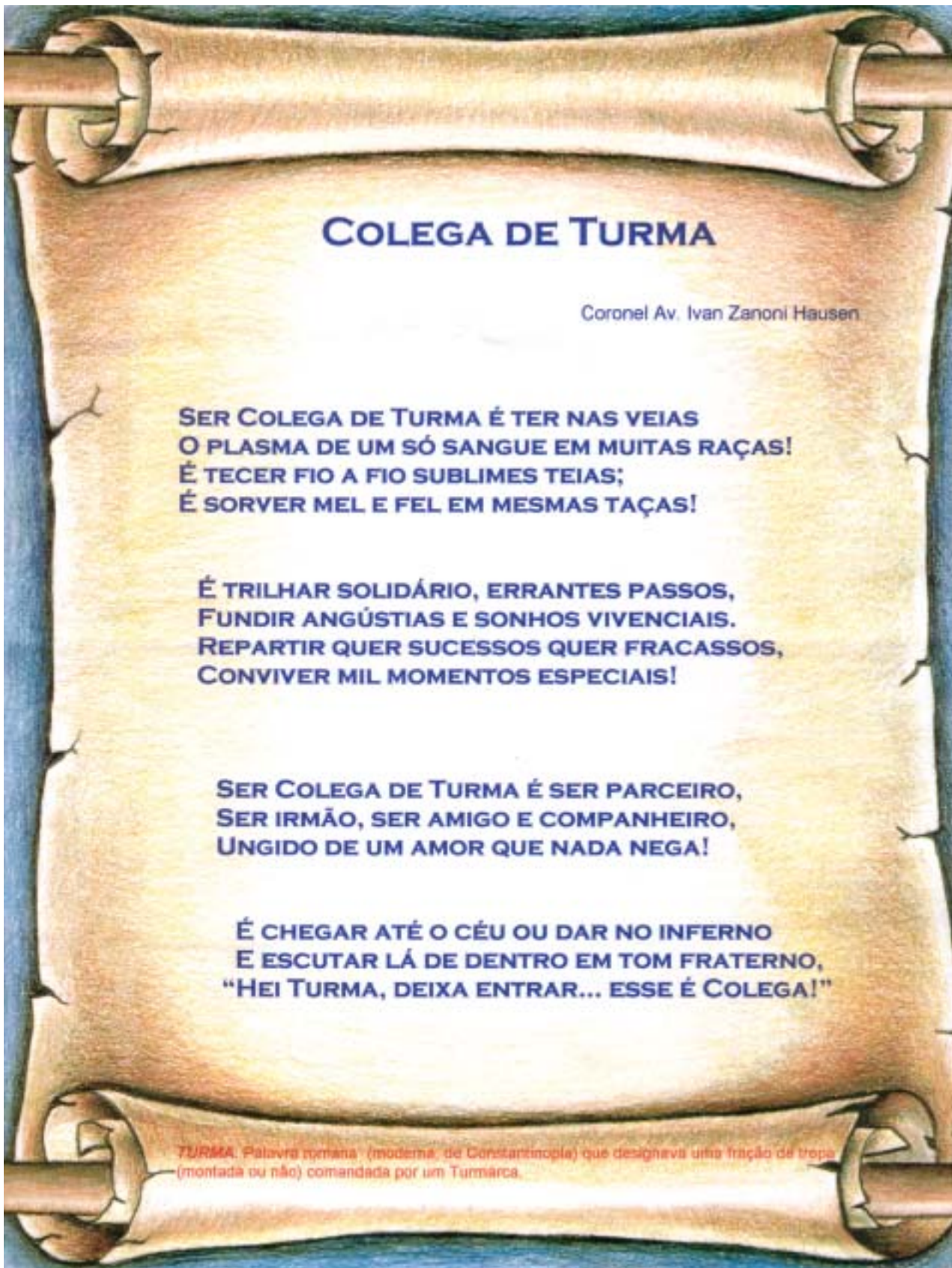


Jovem Aluno da EPCAR contempla o horizonte dos seus mais sublimes sonhos, sob o olhar tolerante da recém-inaugurada estátua de Drummond.

A Turma 57-BQ / Aspirantes 62 participa das homenagens ao poeta e escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade, autor de uma das mais intensas obras do século passado. E é dentro desse espírito que escolheu essa "espiritosa" mensagem, mesmo que dele, talvez, não seja, para saudar a todos os companheiros e a suas famílias, pelo término de mais um ano de fraterna convivência.

Neste Natal e no ano de 2003, vamos todos torcer por um mundo mais justo, lembrando-nos de que haverá, sempre, alguém torcendo por nós.

A Representação



COLEGA DE TURMA

Coronel Av. Ivan Zanoni Hausen

**SER COLEGA DE TURMA É TER NAS VEIAS
O PLASMA DE UM SÓ SANGUE EM MUITAS RAÇAS!
É TECER FIO A FIO SUBLIMES TEIAS;
É SORVER MEL E FEL EM MESMAS TAÇAS!**

**É TRILHAR SOLIDÁRIO, ERRANTES PASSOS,
FUNDIR ANGÚSTIAS E SONHOS VIVENCIAIS.
REPARTIR QUER SUCESSOS QUER FRACASSOS,
CONVIVER MIL MOMENTOS ESPECIAIS!**

**SER COLEGA DE TURMA É SER PARCEIRO,
SER IRMÃO, SER AMIGO E COMPANHEIRO,
UNGIDO DE UM AMOR QUE NADA NEGA!**

**É CHEGAR ATÉ O CÉU OU DAR NO INFERNO
E ESCUTAR LÁ DE DENTRO EM TOM FRATERNAL,
"HEI TURMA, DEIXA ENTRAR... ESSE É COLEGA!"**

TURMA. Palavra turmana (moderna, de Constantinopla) que designava uma fração de tropa (montada ou não) comandada por um Turmarca.

O Coronel-Aviador Ivan Zanoni Hausen, Aluno 45-275 do, então, Curso Prévio, quando jovem, revelou-se extraordinário atleta, tendo sido campeão em várias modalidades de corrida, em todos os quatro anos de Curso na Aeronáutica, o que o levou a ser um dos representantes brasileiros nas Olimpíadas de 1948, em Londres. Mais tarde, sem descuidar-se de sua boa forma física, tor-

nou-se um dos mais brilhantes intelectuais da Força Aérea Brasileira. As conferências que fazia, quando era do Corpo Permanete da Escola Superior de Guerra, verdadeiros primores de lógica e criatividade, foram fator decisivo para que o nosso companheiro, Aluno 57-04, Luís Mauro, viesse, também, a integrar aquele Corpo Permanete. Hoje, o nosso colega se orgulha de ter desempenha-

do, quando, ainda, na ativa, as mesmas funções que exercera o Coronel Zanoni. Em seu soneto, Colega de Turma, o nosso companheiro mais antigo demonstra que, já nas origens do Ministério da Aeronáutica, havia a chama, o espírito, o sentimento que nos mantém, a todos nós da Turma Quase Perfeita, unidos para sempre.

A Redação

NATAL

Os tempos haviam-se completado. Nascerá o Rei de Israel. Numa sala pobre e humilde, o anjo havia trazido a notícia. Notícia do céu: “Conceberás e darás à luz um filho, que será Emanuel - Deus Conosco”. O Rei Herodes, em Jerusalém, entrou em pânico: — “Um concorrente”, dizia ele. Perigo para o trono, que já era cadeira cativa da família. A corte também estava inquieta. Os cortesãos temiam perder a posição de prestígio. Os áulicos e os doutores da Escritura foram convocados imediatamente. É que acabavam de chegar os reis estrangeiros. Melchior, Gaspar e Baltazar, trazendo notícias e presentes para o novo Rei de Israel. A cidade cosmopolita fervilhava de gente. Gente que viera de todas as regiões, porque, no dia seguinte, aconteceria o recenseamento dos habitantes do império. Ele queria saber a quantas pessoas se estenderia seu poder... Que tamanho teriam seus exércitos... Por quantos países mais poderia expandir-se! Para os fortes, o número é muito importante. Ao poderoso vale mais a quantidade desinformada do que a qualidade esclarecida. Nos nossos dias, acontece o mesmo: fala-se muito de qualidade total, mas total mesmo tem de ser o superávit de seus lucros no fechamento da contabilidade ao final do mês. Dias antes, o casal de Nazaré se dirigiu para Belém, vagando por entre a multidão. Em buscar de abrigo, simples que fosse: perguntaram, indagaram, insistiram,

nada queriam de grande e de luxuoso. Apenas um quarto na pousada, um espaço debaixo de alguma tolda... Mas, tudo em vão. Não havia nenhuma vaga. Tudo estava ocupado: hotéis, pensões, hospedarias, casas, ruas e vielas e também o coração e a hospitalidade. Nenhuma atenção, nenhum gesto acolhedor. Todos se cruzavam e ninguém parava para ouvir. A multidão é impessoal, não escuta, não participa, torna-se anônima, transforma-se em bando. Sempre foi e assim será. O casal caminhava.... Cansados, não desanimaram. Não encontraram sequer um barraco tosco, uma tenda de palhas sequer. Em torno e por todos os lados, o vozerio das pessoas, cada vez mais numerosas, avolumava-se como uma onda. Todo mundo com seu problema. Conhecidos e desconhecidos se acenavam com gestos formais na frieza do coração. Outros, e eram muitos, aqui e ali, em grupos, falavam, discutiam, levantavam os braços buscando orientações. Os assuntos eram variados, as idéias nasciam da vida cotidiana. No entanto, não conheciam ainda a verdadeira vida, a vida que muda os critérios de ser e de agir; que não conhece limitações: “Eu vim para que tenham a vida em plenitude”, como disse São João em sua carta. Quem sabe, as pessoas daquela multidão estavam pensando em tudo, menos nos verdadeiros valores que interessavam a si próprias, a seu mais importante problema - o único que não é desta vida. Maria, grá-

vida, em meio a toda essa azáfama, não perdeu o controle nem se perturbou, não obstante tanto barulho proveniente do burburinho da cidade. Caminhou firme para a meta: a gruta de Belém. Pés cansados, esperanças nos corações, olhos ardentes, o casal rompeu a multidão e buscou pousada num retiro afastado e ermo ao cair da tarde, pertinho da noite. A cidade não os quis, eles descobriram o campo, onde corria a água da fonte, da qual bebia a ovelha sequiosa. Acomodaram-se, aliviaram-se de suas bagagens, ajeitaram seus mantos sobre o chão, deitaram-se e começaram a pensar: Não foi possível encontrar abrigo na terra para o Menino do céu. Mas, o amor onipotente construiu o mais belo berço para o nascimento mais sublime. O Menino nasceu! Maria foi a mãe mais feliz e rica na pobreza! O filho divino chorou o sorriso inocente! O mundo recebeu o presente da salvação. Esse Menino plenifica a história, transfigura os corações dos homens. Ele sempre terá uma estrada e uma história. História - a doutrina do amor; estrada - o caminho do céu. Agora, Ele caminha até você. O Menino salvador quer abrir caminhos para abrigar-se na vida de você. Essa viagem nunca terminará: ela chegará até você. Cristo-recém nascido quer encontrá-lo misticamente jovem. E você? Você é caminho para os seus irmãos?

Padre Antônio Viçoso Rodrigues
(O nosso “Capitão” Capelão)

MENSAGEM AOS BEQUEANOS

Neste Natal, querido Bequeano, em quanta coisa se pode pensar... Quando você se renovar no amor cristão, os vínculos da fraternidade serão mais estreitos. Então, acontecerá a confraternização em Cristo, que nasceu para você e para todos. Os ex-alunos da EPCAR, um dia, faz bastante tempo, chegaram a Barbacena, cheios de ideais sublimes, deixaram seus lares e encontraram o aconchego da Cidade que os adotou como sua. No tempo mais lindo e desafiante de suas vidas, descobriram um cantinho quente nos corações barbacenenses. Cada lar foi um presépio para os jovens que vieram de longe. Logo se integraram aos novos costumes, respiraram os ares que envolvem as montanhas altaneiras das serras mineiras. Mas, o principal é que estabeleceram amizades profundas, encantadoras. Quem sabe também o amor começou a marcar os primeiros encontros, jovem pertinho da jovem barbacenense e sonhos muitos feli-

zes. Natal é perenidade. A cada encontro, em cada abraço, os Bequeanos de hoje e de ontem sentem-se mais unidos à cidade das alterosas, onde as rosas são mais frescas pelo brilho e pelo perfume. Você, cidade sempre acolhedora, você foi o caloroso aconchego desses jovens naqueles tempos idos e vividos. Você, Barbacena os abraça hoje na vitória de suas realizações. Naqueles tempos longínquos, você foi jovem com eles. Eles amam você. Aqui ficaram suas lágrimas jovens choradas no regaço da cidade-mãe-adotiva, ficaram também as primícias de seus sorrisos abertos, esperançosos, partilhados. **Você, Barbacena, é a terra hospitaleira dos Bequeanos que querem ser o seu céu de amor. Neste Natal, felizes e agradecidos, eles cantam para você, Barbacena, um hino da gratidão. Esse hino começa com a palavra AMOR.**

Capelão Viçoso
Dezembro de 2002



Padre Viçoso, na Missa dos 45 Anos

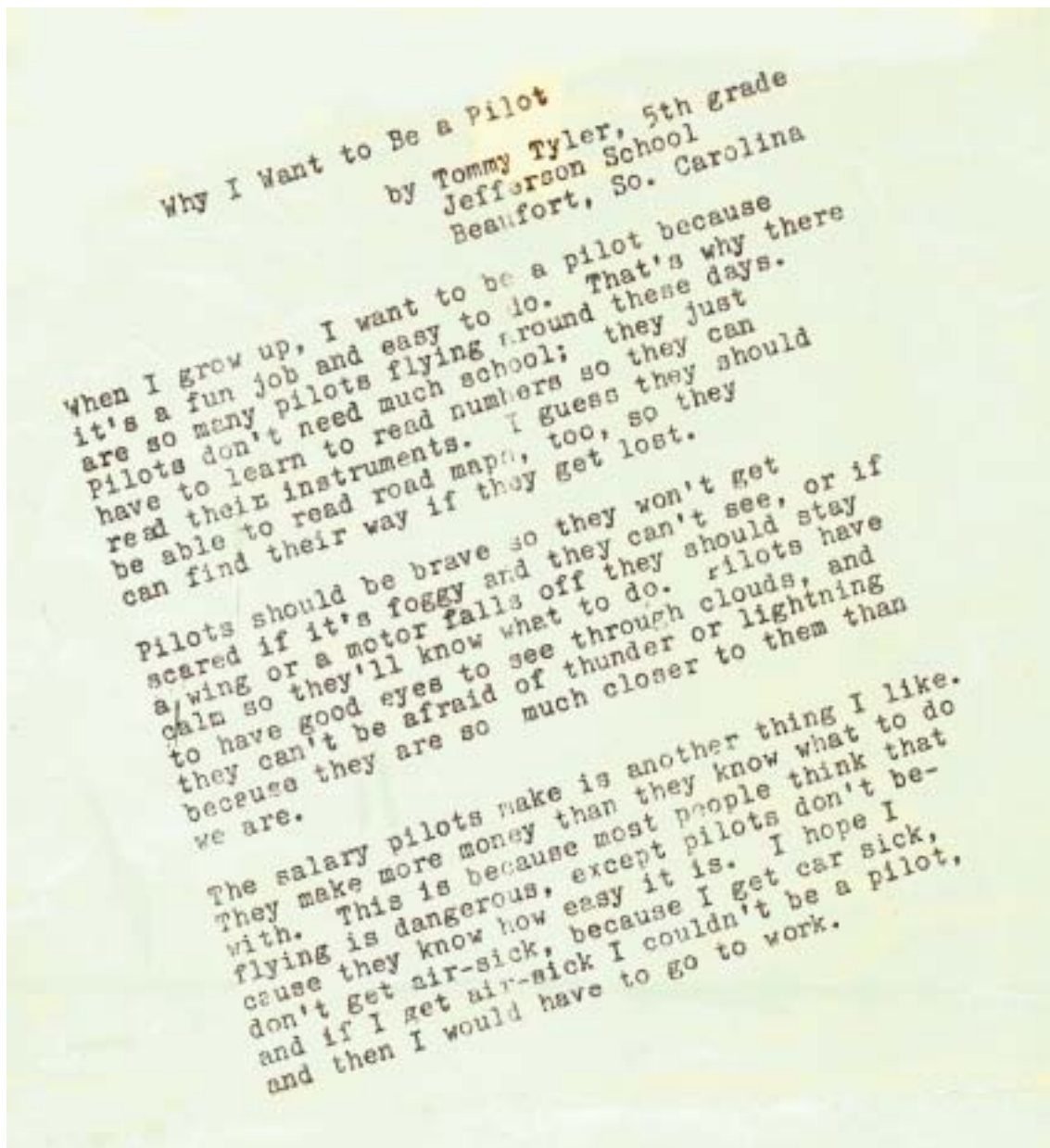
POR QUE EU QUERO SER UM PILOTO

Quando crescer, eu quero ser um piloto, porque é muito divertido e fácil de fazer. É por isso que existem tantos pilotos voando por aí. Pilotos não necessitam de muito estudo; eles só precisam aprender a ler os números, para que possam ler os instrumentos. Acho que eles também deveriam ser capazes de ler os mapas rodoviários, para poderem orientar-se, caso venham a se

perder. Os pilotos devem ser corajosos, para não se assustarem, se houver nevoeiro e eles não puderem enxergar, e, se uma asa ou um motor cair, eles devem manter-se calmos, para saber o que fazer. Eles têm de ter vista boa, para ver através das nuvens e não devem ter medo de raios e trovões, porque estão muito mais perto deles do que nós. Outra coisa de que eu gosto é o salário dos pilotos. Eles ganham tanto

dinheiro que não sabem o que fazer com ele. Isso acontece, porque muitas pessoas pensam que voar é perigoso, mas os pilotos sabem que é muito fácil voar. Eu espero não enjoar em aviões, pois enjoar em carros e, então, eu não poderia ser piloto e teria de trabalhar para viver.

**Redação feita por Tommy Tyler,
Aluno da 5ª série de uma
Escola na Carolina do Sul, EUA**



Esta verdadeira pérola literária foi entregue ao editor de **O Con*dor**, em 1982, pelo nosso colega, Aluno 58-283, Archimedes, que sempre revelou extraordinárias qualidades, tanto como profissional quanto como camarada e amigo. Dotado de inteligência brilhante e objetiva, tornou-se conhecido por seus excelentes trabalhos que muito beneficiaram a nossa Aeronáutica e o nosso País. Sensível, também, às amenidades, como se pode ver, já naquela época, tinha o hábito de disseminar (com os recursos, então, disponíveis) o material interessante que garimpava. Inexplicavelmente, tem estado ausente das páginas deste Boletim. O original, guardado, cuidadosamente, durante vinte anos, passa agora a fazer parte do acervo de **O Con*dor** e vai reproduzido abaixo da tradução, como homenagem ao ilustre companheiro, a quem deixamos o pedido para que não nos prive de seus talentos.

Prezado Archimedes, aguardamos, com grande expectativa, o privilégio de publicar os seus artigos.

AREDAÇÃO

SONHO DE VOAR

Armando Nogueira

"Voar é um milagre". Que o digam os dois terços dos seres vivos aos quais a vontade divina concedeu tão abençoada graça. Por isso, considero todos eles autênticos rebentos dos céus. Há quem veja no aviador um ser heróico. Pois eu vos digo do alto do meu ultraleve: nem heróico, nem épico. O homem que voa é, sobretudo, um ser utópico. Um ser místico. Milênios se esfumaram: os pássaros voando, os homens pastando, neste vale de lágrimas.

Voa a borboleta - asa de vitrais, no seu vôo soluçante.

Voa a galinha - não sei bem pra quê. Puro assanhamento.

Voa o bem-te-vi - benza-te Deus.

Voa a garça, branca, leve - branca de neve.

Voa a andorinha - prenda minha.

Voa o urubu, luto fechado, teu planeio te redime.

O mosquito voa, bichinho à-toa, também voa.

O vaga-lume também voa - vaga luz, navegando pela noite, sua noite intermitente.

Voa o morcego - nunca vi asas tão vis.

Voa a coruja - rasante maldição da meia-noite.

A gaivota voa - como invejo a tua dócil geometria.

Até o besouro... o besouro também voa, rastejando pelo espaço sua penosa aerodinâmica.

Graças à imaginação, o homem acabaria contemplado com o dom de voar. Um dia, alguém me perguntou porque gosto tanto de voar. Devaneio puro. Quem voa, sobrevoa. Quem voa, sobreleva. Quem voa é cúmplice dos ventos. Quem voa busca no céu um lugar de onde Deus possa vê-lo melhor. Quem voa perpassa as sete cores do arco-íris. Quem voa reparte com os anjos a castidade azul do céu. Quem voa é confidente das nuvens. Quem voa sabe que a nuvem tem coração de mulher: beija e balança... Quem voa sente o perfume das rosas-dos-ventos. Quem voa é capaz de ouvir e entender estrelas. Quem voa contempla, de perto, o instante em que o sol se cala. Quem voa, quando pouso, está voltando da eternidade.

Só quem voa descobre o tamanho de Deus.

Transcrito da Revista Aeronáutica n.º 235, Set-Out / 2002

CONVERSA NO DECK

"Zé Nelson, meu problema não é cálculo renal, meu problema é colesterol. Tá a 298!". "Bené, os meus triglicerídios já desistiram de subir quando chegaram a 400". "E a glicose? Sabe a quanto está a minha? A quase 200". "Hum! Luís Mauro, pressão alta é fogo, não dá para brincar...". "Você fala como se, com as outras mazelas, a gente pudesse brincar. O problema é a idade; é fogo!". "O Brito tem razão, todas as doenças da velhice tem um nome e uma cara: VELHICE". "O Almir está certo quando lhe perguntam quais as três piores coisas da velhice. A primeira, diz ele, é a esclerose; e as outras duas, bem, das outras ele se esqueceu...". "Agora, sem piada, sabe que me apareceu uma hérnia?". "Porra, Ranulfo, uma hérnia é lindo. Escrotal?". "Não, também não, pô, inguinal. Uma operaçãozinha boba". "O problema é a próstata. Como está a sua, Marinho?". "Está igual a do Carlos Mauro, isto é estava, já era...". "Vou examinar a minha na semana que vem. Você que tem experiência, o toque dói muito?". "Bobagem, tem gente que até gosta!". "Mas o Cardoso disse que o Brigadeiro Melo tem um dedo enorme!!!". "Agora, se os seus triglicerídeos subirem, mesmo

com a dieta, troque de laboratório". "Essa é boa!". "É verdade, conforme o laboratório, você poderá se tornar um homem feliz". "Brito, e o seu ácido úrico?". "Está muito alto! Gota à vista. Você já teve gota, Moreira?". "Você não pode imaginar! Aqueles cristais finos como agulhas incrustrando-se nas articulações. Aí é que você aprende o que é dor LANCINANTE. Dói até soprando. Só perde para a dor do parto". "O Luiz Henrique diz que não pode nem tomar vinho. Nas crises, só enche a cara de COLCHICINA." "É uma bebida asiática?". "Ô ignara, é um remédio. Segundo o *Clube dos Gotosos* (não confundir com o dos Gostosos), é o único que funciona nas crises". "Olhem aqui, vocês repararam que, antigamente, a gente só falava de mulheres? Depois, passamos a falar de comida (sem nenhuma outra conotação...). Agora, falamos de doenças! Para falar em Padre e Missa de Sétimo Dia é um pulo..."

Adaptado por **Zé Nelson (Al. 56-86)**, de uma crônica de **Zuenir Ventura**, publicada em SELEÇÕES. Qualquer semelhança com fatos reais e nomes de pessoas conhecidas é mera coincidência.

DRUMMONDIANDO

A INTERNET é, indiscutivelmente, um veículo que percorre – ao mesmo tempo – todo espaço da fascinante estrada das comunicações. A exemplo da televisão, entra casa adentro e escritório adentro, só que, com o nosso consentimento. Conive, 24 horas por dia, conosco. Nesse Universo, existe um exército de pessoas de todas as idades e sexos que receberam a alcunha de "INTERNALTAS". Por serem afins, formam um poderoso e monolítico bloco. As mensagens garimpadas, quase sempre, são inteligentes e interessantes. Recentemente, circulou, por lá, um interessantíssimo texto, sob o título "Torcer", atribuído ao poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade. Tal chancela da autoria já é um agradável convite à leitura. Ao publicarmos no nosso Boletim, nós o consagramos. Ao relevarmos as incorreções gramaticais, fi-lo-emos por respeito ao nome do "Poeta Maior". Por singular coincidência, conhecemos uma Jornalista, Escritora e Poeta que se mestrou, em Língua Portuguesa, com a Tese intitulada "A Poética do Cotidiano", que tinha, como fio condutor, o tangenciamento

entre o texto poético e a crônica drummondianas. A tese em questão foi transformada em livro, publicado, recentemente, pela Editora Expressão e Cultura. Por considerarmos a Escritora Maria Veronica Aguilera uma autoridade no assunto, nós a consultamos e, com o senso de responsabilidade que deve caracterizar os pesquisadores, preferiu não responder *a priori* e consultou o arquivo que pertenceu ao Plínio Doyle existente hoje, na Casa Ruy Barbosa, onde consta a existência de mais de quinhentas crônicas de Drummond. Realmente, há uma possibilidade, embora mínima, de o texto ter sido escrito pelo Poeta. Contudo, devido à exigüidade de tempo para uma pesquisa mais profunda, não haveria como obter-se tal comprovação antes da publicação. Fazemos nossas as palavras do matuto: "Só se atira pedra em cajueiro doce", e foi, justamente por isso, que esse texto recebeu tanta atenção. Enfim, já que deu em **O Con*dor**, podemos considerá-lo verdadeiro – ou quase.

Al. 56-137, Clarindo dos Santos

VISITA À PREFEITURA DE AERONÁUTICA DO GALEÃO

Quem nunca foi à Base Aérea de Santa Cruz assistir aos eventos programados para o **Dia da Caça**? Ou ao Campos dos Afonso, assistir à **Festa do CAN**? Quem nunca participou das festividades da **Semana da Asa**, culminando com o **Dia do Aviador**? Portões abertos em muitas Organizações Militares espalhadas pelo Brasil, todas muito conhecidas. Mas existem aquelas que desenvolvem um extraordinário e imprescindível trabalho, silenciosamente, longe dos ouvidos e, também, dos olhos de todos nós. Por isso, a Representação da Turma iniciou um ciclo de visitas a Organizações da Aeronáutica, objetivando a propiciar, principalmente, aos companheiros civis o conhecimento do trabalho anônimo de valorosos integrantes da nossa Força Aérea. Uma vila militar todo mundo conhece. Conhece mesmo? Quem passa em frente a uma delas e vê maridos despedindo-se das



O Coronel Norival, Prefeito de Aeronáutica do Galeão, na exposição para a Turma



Um dos belos recantos da Vila dos Suboficiais e Sargentos



Vista parcial do Centro Sócio-Desportivo

esposas para embarcar na condução do Quartel, crianças brincando em segurança, todos com aparência de felicidade, não imagina o esforço que é despendido para assegurar a indispensável tranquilidade aos guardiões de nosso espaço aéreo. Um exemplo de dedicação e competência é a Prefeitura de Aeronáutica do Galeão. Com um efetivo de apenas 200 homens, apóia cerca de 7.000 pessoas residentes nas 1.400 unidades habitacionais sob sua jurisdição. São administradas quatro vilas militares: uma de Oficiais, duas de Suboficiais e Sargentos e uma de Cabos e Taifeiros, nelas residindo, também, servidores civis de níveis correspondentes. A visita a essa Unidade foi organizada pelo Tenente-Coronel José Augusto Santana de Oliveira, Aluno 63-114, que transmitiu o convite do Prefeito de Aeronáutica, Coronel-Intendente Pedro Norival de Araújo. Participaram do evento João Carlos, Luís Mauro, Meira, Cubas e Campos Reis, além do próprio Tenente-Coronel Santana que, gentilmente, nos cedeu a fita de vídeo, de onde foram extraídas as fotografias que ilustram a matéria (*). Na exposição do Prefeito, os integrantes da Turma puderam perceber que a Unidade, além da manutenção de casas e apartamentos, desenvolve ações como se fosse uma Subprefeitura Municipal, tais como: manutenção das redes de água e esgoto; iluminação das ruas e praças;

(*) Nota da Redação
A baixa resolução e a distorção nas cores das imagens são decorrentes do fato de que não foram digitalizadas de fotografias originais, mas a partir de cópia de fita VHS, com as perdas conseqüentes do processo de captura.



O verde valoriza as áreas residenciais

coleta de lixo orgânico; construção de diques junto ao mar; limpeza de ruas e corte de grama. O policiamento vai além da parte interna das vilas, pois são destacadas patrulhas para fazer a segurança de toda área adjacente. A ação social é muito ampla, alcançando, até mesmo, comunidades carentes, na orientação de jovens para a prática de esportes. Em uma "van", a pequena caravana percorreu todas as vilas, tendo observado que os espaços disponíveis foram ajardinados ou receberam benfeitorias destinadas a apoio social e lazer. Numa das Vilas dos Suboficiais e Sargentos, foi construído um grande centro socio-desportivo, com salão para festas, piscinas, campo de futebol e quadras de esportes. Na Vila dos Cabos e Taifeiros, um terreno, anteriormente, baldio e cheio de entulho foi transformado em aconchegante recanto de lazer. O Cassino dos Oficiais do Galeão foi ampliado e modernizado. Uma praça próxima ao Hospital Municipal de N. Sra. do Loreto, antes freqüentada por marginais, virou uma grande quadra social, sendo dado acesso aos jovens da comunidade, num extraordinário trabalho de ressocialização. No percurso, foram visitados um Posto Médico Avançado do Hospital do Galeão e uma creche, ambos em excelentes condições de operacionalidade. O plano de melhoramentos da administração anterior, sob o comando do então Coronel Gonçalves, hoje Brigadeiro, vem sendo mantido e ampliado. Grande prioridade é dada à construção de muros, para maior segurança dos moradores e para preservação do Patrimônio da União, impedindo a invasão de áreas não edificadas. A Praça do Avião, reconstruída com gosto muito apurado, hoje é referência no bairro e *point* dos estudantes do Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Após duas horas de circulação, os visitantes foram recepcionados, na Pérgula do Prédio do Comando, com um coquetel, fazendo-se presente o Prefeito anterior, ao qual já nos havíamos referido, o Brigadeiro Gonçalves. De lá, seguiram para o Restaurante Siri do Galeão, onde se juntaram ao grupo o Edison Martins, o Ivan Pereira e outros companheiros da confraria chamada "Os Búfalos". O prato mais requisitado, na casa, não é de siri, mas de camarão: o famoso risoto. Farto, gostoso e a um preço muito acessível, especialmente pelo desconto concedido aos amigos da Prefeitura.

Somos muito gratos pelo seu convite, Coronel Norival. Receba e transmita a seus comandados os cumprimentos da Turma 57-BQ / Aspirante 62, pelo excelente trabalho desenvolvido em prol da família aeronáutica brasileira.



Sala de alfabetização da creche



Bar e playground junto à piscina

ANIVERSARIANTES

Parabéns aos companheiros!

Janeiro

Dia 1	Dárcio,	59-338
Dia 4	Alfano,	60-114 (Cad.)
Dia 5	Gerson,	60-131 (Cad.)
Dia 6	Wilson,	57- 27
	Beuthner,	57- 65
	Françalacci,	57-153
Dia 9	Consentino,	58-285
Dia 14	Hélius,	59-355
Dia 17	Malagutti,	60-111 (Cad.)
Dia 18	Carlos da Cunha,	57- 26
Dia 21	Amílcar,	57- 72
Dia 26	Palmero,	57-145
	Coelho,	60-112 (Cad.)
Dia 28	Gil,	57-148
Dia 30	Archimedes,	58-283

Fevereiro

Dia 6	Silva Campos,	57- 68
Dia 8	Castro Lima,	59-348
Dia 9	Aquino,	57- 76
	Teixeira,	57- 77
	Pascoal,	59-339
	Vasconcelos,	60-116 (Cad.)
Dia 11	Zuzuca,	Musa
Dia 13	Souza,	57- 52
Dia 15	Pereira Brandão,	58-259
Dia 16	Brasil,	57- 18
Dia 19	Dário,	“Capitão”
	Clarindo,	56-137
Dia 23	Curtiss,	57- 45
Dia 26	Ivan	57-126
Dia 26	Nunes dos Santos,	57-135

**PENSAMENTO DE
O Con*DoR**

— “Vocês não vão acreditar! Mandei trocar a pilha do meu relógio ontem, e parece que o cara colocou outra descarregada”.

O nosso companheiro João Carlos tentando justificar mais um atraso para reunião da Representação.

“Está bem, João!

Nós acreditamos!”

CONCURSO DE O Con*DoR**Solução do Concurso Setembro-Outubro / 2002**

Apelidos carinhosos, lembram-se? A partir dos números de matrícula, atribuído no ingresso, na Força Aérea, identificamos os nomes de guerra e os respectivos apelidos. Os privilegiados são:

56- 39 - José Maria / Miquimba
56- 99 - Nascimento / Pinta
57- 16 - Mossri / Arataca
57- 23 - Furtado / Camofo
57- 27 - Wilson / Tarugo
57- 28 - Land / Querubim, Queruba
57- 29 - Freitas / Bambam
57- 32 - Eduardo / Cisne
57- 34 - Edison / Major
57- 39 - Vieira de Souza / Pi
57- 40 - João Carlos / Velha Base
57- 48 - Jair Soares / Bangu
57- 57 - Pöllhuber / Girassol
57- 67 - Agostinho Maciel / Gutinho
57- 84 - Fernando Fonseca / Lambreta
57- 86 - Luzardo / Marola
57- 99 - Juarez / Bocão
57-103 - Maurício Ferreira / Xatuba
57-119 - Rezende / Queijinho
57-133 - Azevedo / Magrão
57-135 - Nunes dos Santos / Menininho
57-136 - Cardoso / Cardico

57-155 - Reinaldo / Índio
57-156 - Asvolinsque / Fangula
57-159 - Bernardini / Bené
58-251 - Gilberto de Castro / Zabeto
58-255 - Valmir / Ígor
59-259 - Pereira Brandão / Baiano
58-265 - Ferguson / Papagaio
58-267 - Reynaldo Felicíssimo / Feliz
58-283 - Archimedes/ Zim
59-357 - Schubnell / Chuchu
59-360 - N. Guimarães / Cabo Guima
60-112 - Coelho / Quiabo
60-125 - Acioly / Aspirante
60-126 - Menezes / Tatá

A solução foi fácil, não? O Land acertou 100 % e ainda identificou o apelido de muitos outros, a saber:

a) Incorporados carinhosamente aos nomes – Lilico, Mariozinho, Zuzuca, Gordo, Gaúcho, Chefe;
b) Não muito aceitos pelos titulares – Barriga, Crioulo, Zoiudo, Maluco, Brucutu, Fictício, Nariz, Reizinho, Belebembém, Fresquinho, Gordo Babaca, Fuinha, Diabão, Trololó, Porquinho, Bundinha e outros impúblicáveis.

Concurso Novembro - Dezembro / 2002

Desta vez, trata-se um Concurso Literário, do tipo “Quem Conta um Conto Ganha um Ponto”, versando sobre a obsessão dos Aspirantes de 1962 (e, de resto, de todos os Aspirantes daquela época) em possuir um automóvel. Aquela história de que todo jovem Oficial compra uma arma, deixa crescer o bigode e se casa com a namorada dos tempos de cadete parece que não se confirmou, plenamente, em relação aos

valorosos integrantes da Turma Quase Perfeita. O tema proposto é: **O Meu Primeiro Carro** – um anseio dos jovens de todas gerações. O conto, que se deverá resumir a uma página A4, em letra Times New Roman, 10 pontos, poderá ser romanceado, mas deverá basear-se em fatos ocorridos com o autor ou companheiro da Turma (neste caso, com autorização da personagem)

O Con*DoR

O Con*doR é uma publicação sem fim lucrativo, destinada a divulgar os assuntos de interesse da Turma 57-BQ / Aspirantes 62, A Turma Quase Perfeita. Está, porém, aberto a integrantes de outras turmas e, excepcionalmente, a outras pessoas que com ele queiram colaborar. É editado bimestralmente, pela Representação da Turma.

Coordenação Geral	Al. 57-40, João Carlos	Editor	Al. 57-04, Luís Mauro	Homepage	http://57-BQ.org	
Conselho Editorial	Al. 56-137, Clarindo; Al. 57-78, Horta; Al. 57-129, Meira;	Al. 57-139, Elson; Al. 58-258, Cubas; Al. 58-276, Ivan.	Jornalista	Carlos Rogério Couto Baptista Nº 17.997/94	Webmaster	Al. 57-18, Assis Brasil
Redação	Av. Rio Branco, 251, S. 1302, Centro, CEP: 20040-009 - Rio de Janeiro, RJ Tel.: (0xx21) 2510-3948 Fax.: (0xx21) 2510-3827 Email: ocondor@57-BQ.org		Assessoria	Editora LUZES Rua Almir de Almeida, 39, Jacarepagua, CEP: 22750-130 - Rio de Janeiro, RJ Telefax: (0xx21) 2447-4336 Email: editoraluzes@domain.com.br	Impressão	Blue Chip Gráfica e Comunicações Rua Cardoso Marinho, 18A, Santo Cristo, CEP: 20220-370 - Rio de Janeiro, RJ Telefax: (0xx21) 2516-3892 Email: bluechip@montreal.com.br